

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**Lauro Zubek**

**O PROCESSO DE MUDANÇA POLÍTICO IDEOLÓGICA DO PC DO B  
NA DÉCADA DE 1980: DA LUTA ARMADA À RETÓRICA ELEITORAL**

**CURITIBA  
2010**

**O PROCESSO DE MUDANÇA POLÍTICO IDEOLÓGICA DO PC DO B  
NA DÉCADA DE 1980: DA LUTA ARMADA À RETÓRICA ELEITORAL**

CURITIBA  
2010

**LAURO ZUBEK**

**O PROCESSO DE MUDANÇA POLÍTICO IDEOLÓGICA DO PC DO B  
NA DÉCADA DE 1980: DA LUTA ARMADA À RETÓRICA ELEITORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Sociologia Política apresentado ao Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialização em Sociologia Política.

Orientador: Prof: Dr Adriano Nervo Codato

CURITIBA  
2010

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>1 O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL: CISÃO E LUTA ARMADA</b> .....	8
1.1. O PC do B E A CISÃO COM O PCB.....	8
1.2. OS PERCALÇOS DO ARAGUAIA.....	11
1.3. CAMINHOS E DESCAMINHOS DOS COMUNISTAS.....	13
<b>2 O “ABANDONO” DA RETÓRICA REVOLUCIONÁRIA</b> .....	15
2.1. O ESFACELAMENTO DO MUNDO SOCIALISTA NO MUNDO.....	15
2.2. A OPÇÃO DE LUTA PELA VIA ELEITORAL.....	18
2.3. REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA?.....	20
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	25
<b>4 FONTES</b> .....	26
<b>5 REFERÊNCIAS</b> .....	27

## INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, é importante salientar que fazer um trabalho sobre qualquer partido é uma tarefa não tão fácil, principalmente se tratando de partidos políticos pequenos ou no caso do PC do B que, apesar de seus 48 anos de história, viveu praticamente a metade desse período na clandestinidade. Acerca da falta de trabalhos acadêmicos sobre o assunto e principalmente sobre o Partido Comunista do Brasil. Jean Rodrigues Sales e Marcelo Siqueira Ridenti estudiosos da esquerda brasileira e conseqüentemente do PC do B, ambos são unânimes em dizer que há pouco material sobre o partido, o que há são trabalhos jornalísticos e de ex-militantes e a maioria tratam do período dos anos de 1960 e 1970.

O Partido Comunista do Brasil que nasceu a partir de uma cisão do Partido Comunista Brasileiro em 1962, destoa da história e trajetórias de qualquer partido político brasileiro, até mesmo de seu desafeto e mais próximo em termos ideológicos, o PCB.

A razão disto está que o PC do B quando em sua origem na década de 1960, já teve que lidar com um desgaste que foi a luta ideológica dentro do movimento comunista nacional, pode-se dizer que praticamente começou do zero em termos de militância, ou seja, teve que buscar inserção em movimentos sociais que já estavam sob influência de partidos de esquerda tradicionais.

Em 1964, com o golpe militar, o partido foi considerado ilegal e após o episódio em que os militares cercearam todas as liberdades, enquanto a maioria dos movimentos de esquerda brasileiros buscaram um confronto direto baseado no foquismo contra os militares, o PC do B, optou pelo confronto com a ditadura numa luta prolongada e a partir do campo e sem alardes<sup>1</sup>, diferentemente do que a maioria da esquerda fez na época. Essa opção custou caro para o partido, pois acabou perdendo militantes e enfrentou uma cisão em seu próprio seio. Também a Guerrilha do Araguaia que hoje sabemos que teve seu início em 1966 fora dizimada em 1973 e os integrantes do PC do B caçados por todo o território nacional, culminando com

---

<sup>1</sup> A opção de luta pelos comunistas do PC do B foi de uma luta prolongada e a partir do campo. Os preparativos iniciaram-se em 1966, em que militantes a maioria sem nenhuma experiência na luta armada prepararam a guerrilha na floresta amazônica no Norte do país e só foram descobertos pelo exército no início de 1970. Portanto, o PC do B preparava denominada Guerrilha do Araguaia no mais puro segredo, em que muitos militantes de anos de no partido não sabiam dos preparativos da guerrilha. Neste sentido, a Guerrilha teve seu início sem nenhum alarde. (Ver PACHECO, Elieser. 2008).

o chamado “massacre da Lapa” em que o exército prendeu ou matou integrantes comunistas presentes numa reunião no bairro paulistano, onde foram assassinados dirigentes importantes como Ângelo Arroio e Pedro Pomar. (RIDENTI, 1995).

Os anos de 1980 foram decisivos para o PC do B, pois foi em meados desta década que o partido conseguiu sua legalização. Porém, foi nesse período que enfrentou uma de suas piores crises, por conta do esfacelamento do socialismo no Leste Europeu em 1989. Além do que, o pós 1989, gerou uma onda anti-socialista que afetou todos os partidos comunistas, inclusive o PC do B.

No início de 1990, veio a crise da Albânia que para o PC do B era o baluarte e exemplo do verdadeiro socialismo revolucionário, o marxismo-leninismo. No entanto, a década de 1990 foi o período que o partido reviu alguns de seus princípios e a intolerância à qualquer crítica relacionada ao partido que viesse de suas bases, a partir daí se instaura uma certa liberdade partidária em que militantes poderiam manifestar-se mais livremente. Na esteira disso tudo, há um fortalecimento em termos de partido de expressão nacional ganhando relevância na sociedade e buscando uma maior inserção em sindicatos de trabalhadores e exercendo monopólio na direção da UNE, tendência essa que já vinha desde a década de 1980.

Outro fator importante, foi a aliança com o Partido dos Trabalhadores desde 1989, até a vitória de Luis Inácio Lula da Silva em 2002, que de certa forma deu uma maior visibilidade ao PC do B dentro do cenário político nacional, “tanto que no primeiro mandato de Lula, um dos dirigentes, Aldo Rebelo, ocupou o cargo de presidente da Câmara dos Deputados, o que representa exemplo único no país de um comunista a ocupar tal cargo no país”. (SALES, Jean Rodrigues, 2008).

Após este breve histórico do Partido Comunista do Brasil apresento este trabalho que está estruturado em dois capítulos, O Partido Comunista do Brasil: Cisão e Luta Armada e Abandono da Retórica Revolucionária.

No primeiro capítulo analiso o processo de como se deu a cisão dentro do PCB dando origem ao PC do B, apresento os percalços da luta armada do partido que foi a Guerrilha do Araguaia, que segundo Jean Rodrigues Sales é a identidade do PC do B, ou seja, a Guerrilha que foi questionada por integrantes do partido nos anos de 1970, hoje é o que identifica o partido.

No segundo e último capítulo, trato da questão principal que levou o partido na década de 1980, a tomar posições nunca pensadas antes dentro de qualquer movimento comunista com tradição marxista-leninista que, é o caso do PC do B. Os questionamentos e mudanças de paradigmas entre os comunistas brasileiros, se deu em partes por circunstâncias que se iniciaram no Leste Europeu com a crise do socialismo. Porém, não se pode creditar todas as mudanças, inclusive a guinada para o democracia aos acontecimentos de 1989. Embora pareça, que o partido tenha se desvirtuado de seus princípios revolucionários após a queda do Muro de Berlim para ganhar fôlego ou sobreviver. Pelo contrário, o PC do B foi se adaptando e flexibilizando-se em relação do que era nas décadas anteriores, sem jamais abandonar seus princípios fundamentais, o socialismo revolucionário pautado na tradição marxista-leninista.

## 1 O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL: CISÃO E LUTA ARMADA

### 1.1 O PC do B E A CISÃO COM O PCB

Na segunda metade da década de 1950, os comunistas do mundo inteiro foram surpreendidos pelas denúncias contra as atrocidades cometidas por Josef Stalin<sup>2</sup>. Essas denúncias contra o ditador soviético foram levadas ao conhecimento de todo o mundo pelo Relatório Kruchev,<sup>3</sup> apresentado no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

De acordo com o professor de teoria política da UFRJ, Carlos Nelson Coutinho, o Relatório Kruchev causou um grande impacto no movimento comunista internacional. O stalinismo até agora era denunciado somente pelos trotskistas e agora, também pela direção do PCUS, que eram herdeiros diretos de Stalin. Segundo Carlos Nelson, muitos líderes comunistas do mundo inteiro não aceitaram o relatório e acusaram de revisionismo.<sup>4</sup>

Para o cientista político, o relatório causou no Brasil, já de imediato uma divisão dentro do PCB, entre os “aberturistas” e os “fechadistas”<sup>5</sup> que resultaria no surgimento do Partido Comunista do Brasil (PC do B).

Membro do Comitê Central do PC do B, o historiador e mestre em Ciência Política, Augusto Buonicore, concorda que o XX Congresso do PCUS foi um divisor de águas no comunismo internacional, pois o documento que era para ser secreto,

---

<sup>2</sup> O líder soviético Josef Stalin ascendeu a secretário-geral do PCUS após a morte em 1924 do líder da Revolução Russa de 1917, Lênin.

<sup>3</sup> Josef Stalin havia morrido a três anos quando, em 14 de fevereiro de 1956, no palácio do Kremlin a cerimônia de abertura do XX Congresso do PCUS, com a presença de mais de 1500 delegados do mundo inteiro. Naquele dia, o então secretário-geral do Comitê Central do PCUS, Nikita Kruchev, leu um relatório confidencial que surpreendeu o mundo ao apontar, até então, o cultuado Stalin como autor de crimes, perseguições e atrocidades. (Jornal da UFRJ. Rio de Janeiro, 2006. p. 2).

<sup>4</sup> Após a morte de Stalin em 1953, Nikita Kruchev assumiu o poder na URSS e iniciou o processo de desestalinização. Kruchev idealizou e colocou em prática a “doutrina de coexistência pacífica,” o que seria o caminho pacífico para alcançar a revolução comunista pelo mundo. Ou seja, a política externa soviética passou a defender a estratégia da construção do socialismo sem recorrer a revolução armada. Essa postura contribuiu para a deflagração de um forte “revisionismo” político e ideológico que atingiu praticamente todos os movimentos e partidos comunistas.

<sup>5</sup> Com a crise do socialismo decorrente do anúncio do relatório Kruchev, aqui no Brasil surgiram dentro do PCB três grupos com tendências diferentes. Os “abridistas” ou “renovadores” que defendiam reformas dentro do partido e questionavam o marxismo-leninismo. A corrente dos “fechadistas” ou “conservadora” que era contra o debate e defendia a insurreição e a luta armada e a terceira corrente de tendência centrista que tentava conciliar os “abridistas” e os “fechadistas”. (PACHECO, Eliezer. 2008. p. 211-212).



foi divulgado com antecedência pelas agências internacionais, principalmente pelo departamento de Estado dos Estados Unidos. O que causou entre os comunistas uma reação de negar o conteúdo do relatório e culpar capitalistas e comunistas revisionistas, de tentar destruir o comunismo atacando o “líder revolucionário”, Stalin. Ainda segundo Buonicore, com as denúncias de Kruchev, uma crise de grande proporção atingiu o PCB que dividiu o partido em duas correntes, uma reformista e outra revolucionária e que ocorreria um grande choque entre elas, levando a uma cisão entre os comunistas brasileiro em 1962, o que deu origem ao Partido Comunista do Brasil, o PCdoB, que mais tarde, de acordo com Buonicore, se ligaria ao Partido Comunista Chinês (PCC) e o Partido Comunista Brasileiro o PCB, continuaria ligado ao PCUS.(UFRJ, Jornal. 2006, p. 3).

Jacob Gorender, historiador marxista e ex-membro e militante do PCB, estava fazendo um curso de formação política em Moscou, quando o relatório foi apresentado no XX Congresso do PCUS. Na visão dele, Kruchev, não imaginava que o documento causaria um estrago de tantas proporções, que Gorender chama de “liquidação mundial do comunismo”, e segundo ele, “foi uma verdadeira bomba para todos nós, que abalou de imediato a própria URSS e países do leste europeu, como a Polônia e a Hungria”.(UFRJ. *op. cit.* p. 3).

O V Congresso do PCB realizado em setembro de 1960, na cidade do Rio de Janeiro, acentuou mais ainda as divergências entre os integrantes do partido. O novo Comitê Central (CC) eleito pelo V Congresso afastou, segundo o historiador Eliezer Pacheco, alguns dos mais destacados integrantes do partido, como Arruda Câmara, João Amazonas, Maurício Grabois e Orlando Piotto.

De acordo com Pacheco, as divergências se aprofundaram entre a direção e a corrente sob influência dos antigos dirigentes, dando sinais claros do aparecimento de um grupo diferente dentro do partido, com uma forte tendência de cisão. Para o historiador, o que levou a um “racha” definitivo entre a cúpula e os antigos dirigentes seriam as medidas adotadas pelo CC em 1961, objetivando a legalização do PCB:

O CC, num recurso cuja finalidade era atender às exigências da legislação vigente, altera o nome do Partido para Partido Comunista Brasileiro e não mais Partido Comunista do Brasil, tentando com isso descaracterizar sua vinculação internacional, e retira dos

estatutos a serem registrados a afirmação de que o mesmo se orientava pelos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo. O programa apresentado era bastante moderado e reformista, para não assustar os juizes do STE.(PACHECO, Eliezer. 2008, p. 219).

As decisões do CC, segundo Eliezer Pacheco, coerentes com seu objetivo de legalizar o partido. No entanto, seria a gota d'água entre as várias divergências que iam se acumulando entre os dirigentes e alguns militantes, principalmente ex-dirigentes, que não aceitavam as novas orientações e enviaram ao CC solicitações para que este voltasse atrás nas suas decisões e convocasse um congresso extraordinário. Em agosto de 1961, cerca de cem militantes, que não concordavam com as novas decisões do partido, enviaram uma carta ao CC na qual explicaram suas posições e questionaram as decisões tomadas pelos dirigentes, as quais eram contrárias e violavam as decisões tomadas pelo último congresso.

Como era de praxe dentro do PCB, a decisão tomada foi de afastar vários militantes e dissolver organismos inteiros que se identificavam com os dissidentes. Nas palavras de Pacheco, a decisão do CC levou a reorganização do Partido Comunista do Brasil:

Estas medidas levam um grupo de militantes, tendo por núcleo principal os antigos dirigentes, a se afastar do que entendiam ser um novo partido e a "reorganizar o Partido Comunista do Brasil, liquidado pelos revisionistas". Estavam à frente deste grupo João Amazonas, Pedro Pomar, Mauricio Grabois, Ângelo Arroyo, Carlos Danielli, Lincoln Oeste, José Duarte, Walter Martins (Pepe) Calil Chade e outros.(PACHECO. *op. cit.* p. 220).

Os desacordos entre as várias correntes comunistas brasileiros estão ligadas ou tem origem com ou no Relatório Kruchev. No entanto, além do Relatório do XX Congresso do PCUS, outro forte componente que levou a cisão do PCB, foi a mudança de nome do partido para agradar o Supremo Tribunal Eleitoral e nesse processo houve desacordos e pouco diálogo, além de expulsões de dirigentes e fechamentos de organismos, o que sempre foi uma característica do partido.

Porém, o que pesou na balança no processo de cisão, foi a mudança ideológica que consistia em abandonar algumas idéias caras para alguns grupos comunistas - o marxismo-leninismo e a revolução através da luta armada.

## 1.2 OS PERCALÇOS DO ARAGUAIA

Com as denúncias de Kruchev da violência praticada por Stalin contra seus opositores, no XX Congresso do PCUS levou à um revés no movimento comunista do mundo inteiro.

No Brasil, além da grande cisão do PCB, que deu origem ao PC do B no início da década de 1960. O Golpe Militar deflagrado em primeiro de abril de 1964, levou o PCB a perder muitos de seus mais importantes e destacados militantes. Dentre eles, se destacavam: Mário Alves, Jover Telles, Jacob Gorender, Giocondo Dias, Orlando Bonfim e Carlos Mariguella. Pois para esses militantes, o Partido Comunista não tinha um plano para enfrentar os golpistas, ou seja, conscientizando o povo, ou como se diz no jargão esquerdista, as massas estavam despreparadas para repudiar e enfrentar os militares que assaltaram a frágil democracia brasileira através de um golpe.

Acerca disso, o historiador Jean Rodrigues Sales, afirma que este grupo de militantes comunistas expressaram sua insatisfação com o PCB, lançando um documento “Esquema para discussão” em que acusavam o partido de um desvio para a direita. Para eles, o PCB alimentava a ilusão de que as reformas de base seriam conquistadas pela via pacífica imaginando e iludidos de uma aliança com a burguesia nacional não tendo, portanto, preparado as massas para resistir ao golpe.

Neste sentido, após o golpe militar, o Partido Comunista Brasileiro sofreu uma sangria em seu quadro, e é a partir daí que se deu o surgimento de vários grupos armados comunistas, que ao contrário do PCB, partiram para o confronto contra a ditadura na forma da luta armada. Entre eles, a ALN (Ação Libertadora Nacional), o MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro), o PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário) o POC (Partido Operário Comunista), o VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), e o Colina (Comando de Libertação Nacional). O PC do B que também defendeu a luta armada como forma de combate a ditadura. Mas para muitos militantes, o partido demorara muito para tomar essa decisão. O que levou a uma cisão dentro de seus quadros, surgindo assim, o PC do B-Ala Vermelha. (SALES, Jean Rodrigues. 2007).

Enquanto a maioria dos dissidentes do PCB se lançaram na luta contra a ditadura na forma da luta armada, o PC do B parecia exitoso quanto a esse tipo de oposição contra o poder instituído. Contramão a essa inércia do partido, segundo Sales, um grupo de militantes opositores deu origem ao Partido Comunista do Brasil-Ala Vermelha, “o que aglutinava os dissidentes, era a crítica à demora do pcdob na preparação do enfrentamento armado contra os militares”. ( SALES. *op. cit.* p. 90). Porém, para o historiador havia um descompasso entre o PC do B e a Ala Vermelha, pois, no momento da cisão, o partido já tinha iniciado os preparativos de sua guerrilha na região do Araguaia. Uma operação altamnete sigilosa.

O PC do B iniciou a guerrilha por volta de 1966 e seus últimos guerrilheiros tombaram frente às forças repressoras em 1975. Só para sua preparação foram seis longos anos com treinamento, reconhecimento e mapeamento da região e integração dos revolucionários com as populações nativas.

A Guerrilha do Araguaia teve influência no maoismo da guerra popular prolongada, diferenciando-se da maioria dos grupos armados que optaram pelo foquismo<sup>6</sup> da Revolução Cubana.

No entanto, todos foram espetacularmente perseguidos, reprimidos e exterminados pela ditadura nos anos de 1960 e início de 1970. E a Guerrilha organizada pelo PC do B não foi exceção, inclusive militantes das cidades foram caçados até a morte.

Nos três anos de combate da guerrilha, foram mobilizados pelos militares cerca de vinte mil homens do Exército, Marinha, Aeronáutica, SNI, Polícia Federal e Polícia Militar dos estados do Pará, Goiás e Maranhão. O grande contingente de tropas e as instituições envolvidas nos dão uma idéia da grande preocupação do governo em reprimir a luta armada do Araguaia. Segundo Geovane Felipe, [...] da relação dos 152 mortos e desaparecidos que a união agora reconhece, 63 evaporaram-se as margens do rio Araguaia, o que perfaz cerca de 42% da lista [...]. (FELIPE, Geovane. 1996).

---

<sup>6</sup> O termo foquismo tem sua origem em movimentos de luta armada a partir de um foco, ou seja, influenciados pela Revolução Cubana, acreditava-se ser possível fazer uma revolução socialista através da guerra de guerrilha e sem a presença de um partido comunista como dirigente do movimento insurrecional, foi muito utilizado pelas esquerdas nos anos 1960, com exceção do PCdoB, PCdoB-Ala Vermelha e a AP. Vale lembrar também que, maioria dos grupos armados de esquerda no Brasil praticaram a guerrilha urbana.

Os números de mortos na Guerrilha do Araguaia hoje são superiores, mostrando o quanto era necessário na ótica do momento e dos militares em dizimá-los com todas as forças possíveis, usando métodos terroristas e culpando-os de terroristas.

Apesar dos percalços da luta armada do Araguaia, para o PC do B, segundo Sales, a Guerrilha é a grande identidade do partido, pois é o que identifica os comunistas com a ideologia marxista-leninista. Embora para muitos, inclusive para membros do partido, o Araguaia foi um suicídio, na ótica do PC do B foi bastante positivo, ou seja, teve mais acertos que erros.

### 1.3 CAMINHOS E DESCAMINHOS DOS COMUNISTAS NO BRASIL

A história de qualquer partido político em qualquer lugar do mundo é feita de luta, avanços e retrocessos. Pois na caminhada política, em busca do poder, há momentos que estas instituições deixam seus preceitos ideológicos de lado, sacrificando idéias e principalmente integrantes que não concordem com certos conchavos ou rumos que dirigentes, em nome de partidos tomam a revelia de suas bases.

Neste sentido, os comunistas que, apesar de estarem engajados pela liberdade dos povos, dos trabalhadores, em suma, das liberdades gerais, são também os que cometeram e cometem grandes injustiças contra “as liberdades” que eles tanto apregoam. E por que isso? A centralização dentro dos partidos comunistas é algo inquestionável, o que favorece os exageros e descaminhos entre os comunistas.

Jean Rodrigues Sales, em artigo sobre o PC do B, cita o historiador Michel Dreyfus que analisa as várias dissidências do Partido Comunista Francês. Para Dreyfus, as cisões, apesar de parecerem desordenadas, revelam certa lógica dentro dos partidos comunistas, apresentando uma característica marcante: as divergências internas são breves e terminam com um rompimento brutal entre os protagonistas do debate. Qualquer tese de oposição é aceita no início, mas logo deve se alinhar às diretrizes do partido. Quanto ao rompimento costuma ser violento e definitivo, levando companheiros de décadas de militância a tornarem-se inimigos para sempre.

A análise de Dreyfus, apesar das diferenças entre o comunismo francês e o comunismo brasileiro, ajuda na nossa análise acerca dos comunistas pecedebistas. Visto que a história do PC do B é marcada pela dissidência a partir do PCB, e essa cisão não foi nem um pouco amistosa, ao contrário, houveram insinuações e ataques de ambos os lados. O próprio PC do B sofreu duas cisões, ambas em 1966, que dariam origem ao PCdoB-AV e o PCBR e nestas, além do partido enfraquecer-se em termos de militância, partidários fundadores tornaram-se inimigos. Entre 1979 e 1980, houve novamente oposição dentro do PC do B, e novas expulsões de militantes que questionavam diretrizes do partido. (SALES, 2006, p. 8).

O excesso de centralização nos partidos comunistas é inegável, A própria filosofia comunista de partido único que determinaria a história, leva há um pensamento único, indo contramão para uma pluralidade de pensamento e liberdade de expressão. Essa foi a tônica nos mais de oitenta anos de comunismo no Brasil. Em que pese todas as crises do socialismo no mundo; como as denúncias de Kruchev nos anos 1950, a Queda do Muro de Berlim em 1989 que levaram há uma profunda crise das esquerdas em todo o globo.

Porém, os descaminhos dos comunistas brasileiros, principalmente dos dois maiores representantes, até a década de 1960, o PCB e a partir daí, o PC do B, foram os conflitos internos que os dividiram e os enfraqueceram.

## 2 O “ABANDONO” DA RETÓRICA REVOLUCIONÁRIA

### 1 O ESFACELAMENTO DO MUNDO SOCIALISTA NO MUNDO

A Revolução Russa tornou-se o grande símbolo socialista, além de tornar-se um símbolo ou mito, transformou-se no grande centro disseminador do socialismo pelo mundo, após a formação da URSS em 1922. Ou seja, o movimento comunista mundial, esteve sempre ligado à União Soviética, pois de acordo com Bruno Groppo:

A história do comunismo como movimento revolucionário em escala mundial está estreitamente ligada à história da Rússia e, em seguida, à da União Soviética. E o sistema soviético, na configuração definitiva que lhe foi impressa pelo stalinismo, foi ao longo de muitas décadas o modelo de referência para o conjunto do mundo comunista. Em outras palavras, o comunismo do século XX identifica-se primordialmente com a experiência histórica do poder soviético. Os demais comunismos, heréticos ou dissidentes em relação à ortodoxia stalinista, desempenharam um papel menos importante, freqüentemente marginal. (GROPPO, Bruno. 2008, p. 1)

Segundo Groppo, a URSS sempre foi referência para o movimento comunista e, não há como falar de socialismo durante o século XX, sem mencioná-la. Há, no entanto, um grande fator de muita relevância que deu aos camaradas bolcheviques e à Revolução de Outubro, muita credibilidade que foi a vitória soviética na Segunda Guerra Mundial.

Jorge Ferreira, em artigo chamado “Mito, utopia e história”, discute a grande influência que a URSS exerceu nas mentes dos militantes comunistas aqui no Brasil, principalmente a partir da década de 1930. Segundo Ferreira, no imaginário dos comunistas brasileiros, a União Soviética era um mundo completamente diferente do que conhecemos, um verdadeiro paraíso. Esse mundo perfeito no imaginário das pessoas é apresentado só a partir de 1930, pela razão de que na década anterior, a Revolução estava passando por períodos de implantação, ou seja, muitas perseguições, morte, desapropriações e outras atrocidades. Passando essa fase, a literatura começou a trazer números fantásticos da economia soviética, sempre

ressaltando os números e, isso criava uma sensação de algo maravilhoso aos olhos dos comunistas no Brasil.

Segundo Jorge Ferreira:

O fascínio, a reverência e a profunda admiração que os comunistas brasileiros devotavam à URSS, contudo, tinha raízes mais profundas. A busca de um modelo exemplar de sociedade e o desejo de racionalizar o mundo em que viviam, como vimos, respondiam as necessidades políticas e culturais dos militantes desde 1930. Mas a devoção verdadeiramente sacralizada à causa da União Soviética encobria antigos referenciais míticos, simbólicos e imaginários que sustentavam as idéias, os valores e as sensações daqueles que se definiam revolucionários.

O fato de que a URSS foi um paraíso, um mundo diferente, permeou o imaginário não só aqui no Brasil, mas de movimentos e partidos comunistas do mundo inteiro. Portanto, tornando-se a grande inspiradora do comunismo.

Após 1945, o comunismo que estava restrito à Rússia expandiu-se para todos os países bálticos ganhando proporções inimagináveis, influenciando diretamente as revoluções comunistas na China, Coreia do Norte, Vietnã e Cuba, além de controlar e financiar partidos e movimentos comunistas em todas as partes do mundo.

Nesse sentido, podemos dizer que a crise do mundo socialista é a crise da União Soviética? Ou não? Se os soviéticos irradiavam influência e detinham pleno poder sobre o comunismo internacional, então seria certo dizer que o fim do mundo soviético seria o fim do socialismo, como muitos afirmaram, quando houve a “queda do Muro de Berlim” em 1989.

De acordo com Bruno Groppo, que afirma que o socialismo do século XX estava diretamente interligado com a URSS, ou seja, pode-se dizer acerca disso, que o socialismo foi o modelo de Estado soviético. E os piores momentos de crise do socialismo foram quando a URSS passou por momentos difíceis, como as denúncias de Kruchev nos anos de 1950 e a Queda do Muro de Berlim em 1989. Este último culminou no fim da URSS e o desmoronamento do mundo socialista que se concentrava no leste europeu.

Acerca da crise do socialismo, Luis Fernandes, historiador e intelectual comunista, em um de seus artigos “O Leste europeu entre ventos e tempestades”, não contraria a idéia de que a URSS foi o centro do socialismo, mas afirma que os



regimes do Leste Europeu não contavam com nenhum apoio popular e, os governos que tentaram esse apóio, reunindo multidões que acabaram derrubando esses regimes ao invés de apoiá-los.

De acordo com Luiz Fernandes:

O que esta evolução indicou claramente é que os regimes depositos no Leste não contavam com a mínima sustentação social interna. Havia um sentimento quase unânime de oposição nas suas sociedades. Deste ponto de vista, a situação lembra o processo de isolamento político vivido pelos regimes militares do “cone Sul” da América Latina no início dos anos 80, e que se traduziu no Brasil na formidável campanha das “direta já”. (FERNANDES, Luiz. 1990, p. 9)

Ainda segundo Fernandes, o desmoronamento do socialismo no leste europeu foi econômico e político, pois a URSS e seus parceiros que cada vez mais aproximaram-se dos países capitalistas e de seu sistema, tornando-se reféns de órgãos como o Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e outros, enquanto foram distanciado-se do COMECON<sup>7</sup>, que por sua vez, foi enfraquecendo-se economicamente e politicamente.

Os soviéticos que conflitavam com os EUA, numa corrida armamentista, consumindo uma grande parte dos recursos. Recursos esses que iam para a construção de armas, aviões e foguetes, menos à população que aos poucos começou a reclamar.

Nesse sentido, os argumentos de Luiz Fernandes de que a derrocada da URSS foram fatores políticos e econômicos são sem dúvida inquestionáveis porém, há outro fator, o cultural. Pois, a União Soviética era um aglomerado de Repúblicas que tinham culturas e línguas diferentes, quando a economia começou a desagradar essa população veio a tona o fator cultural, que junto com os problemas políticos e

---

<sup>7</sup> O COMECON ou (Conselho para Assistência Econômica Mútua) foi fundado em 1949 para a integração econômica das nações do Leste Europeu. Os países que integraram a organização internacional foram a União Soviética, Alemanha Oriental (1950-1990), Tchecoslováquia, Polônia, Bulgária, Hungria e Romênia. Mais tarde outros países juntaram-se à COMECON, caso da Mongólia (1962), Cuba (1972) e Vietnã (1978). O aparecimento do COMECON surgiu no contexto europeu após o final da Segunda Guerra Mundial, do qual resultou a destruição de parte do continente Europeu e surgindo como a resposta soviética ao plano edificado pelos Estados Unidos, o Plano Marshall, que visava apoiar a reconstrução econômica da Europa Ocidental. O COMECON extinguiu-se em 1991. (FERNANDES, *op. cit.* 1990).

econômicos levaram a desintegração da grande fortaleza do socialismo do Leste Europeu, ou seja, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

## 2.2 A OPÇÃO DE LUTA PELA VIA ELEITORAL

As grandes mudanças de postura ou talvez de retórica por parte dos pecedebistas tem causa e efeito a partir da derrocada do socialismo do Leste Europeu. Mudanças essas que fizeram com que o 8<sup>a</sup> Congresso do PC do B fosse antecipado para 1992, e a partir da realização deste, o partido mudou sua direção política-ideológica como atesta Jean Rodrigues Sales:

Esse foi o congresso mais importante da história do PCdoB. O alcance de suas resoluções marcou profundamente a sua identidade política e ideológica. Entre outros aspectos, cabe destacar a crítica feita ao stalinismo, mesmo que permeada de nuances, o abandono da teoria da revolução por etapas, o realinhamento de sua política internacional e a afirmação da necessidade de procedimentos democráticos na estrutura partidária. (SALES, 2008)

Entre as várias mudanças de caráter ideológico, talvez a mais profunda foi o abandono da revolução por etapa, ou seja, de acordo com Marcelo Siqueira Ridenti, que parte da análise de Caio Prado Junior, que segundo este, a primeira etapa da revolução se caracterizaria como burguesa, ou de libertação nacional, unindo as classes sociais mais progressistas para desenvolver as forças produtivas. Etapa essa que superaria os entraves impostos ao desenvolvimento nacional autônomo através das relações de produção de atraso no campo e da presença do imperialismo na economia, que para estes não interessaria que o país saísse do subdesenvolvimento. “Só depois de cumprida essa etapa de libertação nacional, da revolução burguesa, seria colocada a segunda etapa, a da revolução socialista”. (RIDENTI, Marcelo Siqueira, 1995, p. 90).

Essa mudança de tática ou ideológica para uma revolução socialista está no documento O Socialismo Vive do 8<sup>a</sup> Congresso em 1992 e expressado assim:

[...] o que o Brasil precisa é passar ao socialismo, criar um governo socialista, dirigido pelas forças mais avançadas da

sociedade, por partido ou partidos, que tenham por base uma teoria científica, revolucionária... Em termos de estratégia política – esse o objetivo maior que persegue o Partido Comunista do Brasil, o PC do B, na atualidade. ( Apud. RIDENTI, *op. cit.* p. 90).

O 8<sup>a</sup> Congresso do PC do B mudou os rumos do partido no sentido de uma nova tática de conquista do poder. No entanto, essas mudanças foram gestadas já em meados dos anos de 1970, em que as esquerdas brasileiras e principalmente o PC do B sofreram um grande revés por parte dos militares, que foi a derrota da Guerrilha do Araguaia e a forte repressão urbana em que dizimou os quadros do partido, inclusive a sua cúpula.

Nesse sentido, as estratégias de revolução são substituídas pela tática de resistência á ditadura. Acerca disso, Luis Fernandes diz:

Com o maior “fechamento” do regime militar a partir dos anos 60 e a própria derrota da Guerrilha do Araguaia em 1974, a discussão estratégica deixou de ocupar o centro dos debates do PC do B e da esquerda brasileira de um modo geral, que se volta para bandeiras táticas de resistência à ditadura. No caso dos comunistas o PC do B, isto se materializou, a partir de 1975, em trazer a questão “democrática” para o centro da sua atuação política, estruturada em torno de um eixo de três bandeiras centrais: anistia ampla e irrestrita a todos os presos e perseguidos políticos; conquista de amplas liberdades democráticas; convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, Livre e Soberana. Isto se materializava na defesa de uma “ampla frente democrática” abarcando todas as forças oposicionista ao regime castrense, independente das diferenças de interesse sociais e projetos políticos futuros. Esta orientação indicava a necessidade de intensificar a atuação dos comunistas no MDB, que se afirmava como a expressão mais aberta dessa frente. (FERNANDES, Luis. 1992, p. 49).

A tática de unir força em torno do e MDB era talvez a única saída aos comunistas, já que o PC do B era ilegal no país e a repressão era intensa. Porém, com a Lei de Anistia de 1979, algumas lideranças comunistas que estavam no exílio começaram voltar, dando novo fôlego ao partido e para sua reestruturação.

A postura de unir força em uma ampla frente oposicionista contra os militares em torno do MDB, levou o PC do B à uma forte crítica em relação a fundação de novos partidos, principalmente em relação ao Partido dos Trabalhadores(PT), no

início dos anos 1980. Afirmando que a nova legenda era um partido falsamente proletário, e seria um instrumento da burguesia conservadora e da ditadura para enfraquecer o movimento nacional de todos os partidos e da sociedade em geral, em torno do MDB. Pois o Movimento Democrático Brasileiro objetivava a derrota definitiva do governo militar imposto em 1964.

A legalização do Partido Comunista do Brasil em 1985, levou este a lançar candidatos próprios para as eleições de 1986, também apoiou e sustentou o governo de José Sarney (PMDB), pois era a tática defendida desde os anos de 1970. Porém, a má sucedida política social e econômica deste governo, levou em 1987 o PC do B retirar o apoio e, em 1988 defendeu o “fora Sarney”. Outra bandeira defendida pelo partido era a aprovação de uma Assembléia Constituinte, e que em 1988 foi promulgada.

Em 1988, o PC do B aproximou-se do PT, abandonando sua crítica do início dos anos de 1980, que os trabalhistas do PT se prestavam como instrumento da burguesia, reconhecendo nele um partido de massa e com uma proposta social e de esquerda séria. Essa mudança de atitude, levou o PC do B e PT à formarem uma coligação nas eleições municipais de 1988, que acabou elegendo prefeitos de cidades importantes como Santos e São Paulo, capital.

Neste sentido, as divergências entre os dois partidos definitivamente diminuíram, o que levou o PC do B a integrar a Frente Brasil Popular que deu sustentação à primeira candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva para presidente em 1989. (SALES, Jean Rodrigues. 2008).

A opção pela via eleitoral e a luta de todas as forças oposicionistas do país em torno de uma única força, como já foi abordado, teve início nos anos de 1970. No entanto, o 8ª congresso do PC do B, legitimou essa opção e principalmente, trouxe a questão da revolução democrática para dentro do partido que foi a reaproximação com partidos de esquerda dentro e fora do país.

### 2.3 A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA?

Nos anos de 1960, com a cisão do PCB, de acordo com o sociólogo Marcelo Siqueira Ridenti, o PC do B acenou uma aproximação com Cuba com a China e até

com a URSS. Rompeu com os soviéticos, só após esses declararem o PCB como verdadeiro partido comunista do Brasil. A opção foi aderir o partido comunista chinês, em busca de reconhecimento internacional. No entanto, o rompimento com o maoísmo ocorreu em 1978, por conta, segundo o PC do B, da suposta virada revisionista chinesa.

Após o rompimento com o PC chinês, o PC do B aderiu ao Partido Trabalhista da Albânia (PTA), tendo como um verdadeiro partido revolucionário marxista-leninista, não revisionista.

No início da década de 1990, com os maus ventos soprados do Leste Europeu, o PC do B mudou sua tática e posição frente ao mundo comunista. Diferentemente das posições do Partido em tempos anteriores em que condenava todos os regimes e partidos comunistas, exceção da Albânia, de revisionistas que pode configurar como traidores do marxismo-leninismo e do ideário comunista..

Agora, a ordem era de aproximação com partidos comunistas do mundo, principalmente Cuba, Coreia do Norte, Vietnã e a China. (Ridenti, Marcelo Siqueira. 1994-95)

Em relação a essa aproximação com o mundo comunista, o que chama a atenção é que, durante a década de 1980, nos órgãos oficiais de imprensa do partido, principalmente a revista Princípios, não há nenhum artigo que acene alguma aproximação do PC do B com comunismo internacional. O que verdadeiramente há, são críticas e mais críticas a todos os partidos comunistas. Só a partir de 1990, tem início uma grande mudança de postura, e os artigos são bastante amistosos, sem críticas severas e o abandono definitivo do termo revisionista.<sup>8</sup>

Além da aproximação com partidos comunistas no cenário mundial, o PC do B buscou democratizar o debate interno, ou seja, os partidários ou militantes do partido a partir do 8<sup>a</sup> Congresso, segundo Jean Rodrigues Sales, puderam questionar ou interferir em questões que antes eram tratadas ou discutidas apenas pela cúpula:

---

<sup>8</sup> Artigos relacionados diretamente a China e Cuba. Revista Princípios números 29 de 1993, 41 e 43 de 1996 e 44 de 1997.

Outra característica marcante do congresso foi o fato de pela primeira e, possivelmente, única vez na história partidária, o debate preparatório ter transcorrido com um grau maior de liberdade de expressão, o que não impediu, entretanto, que militantes tenham denunciado tentativas de limitação das críticas que se avolumavam ao funcionamento do partido. De qualquer maneira, a comparação com o conclave anterior demonstra a preocupação em ampliar o debate interno. Enquanto no VII Congresso cada militante poderia apresentar um artigo, com direito a uma resposta, nas cinco edições da Tribuna, no congresso seguinte podiam-se publicar quatro textos e foram publicadas dez edições da Tribuna de Debates. No mesmo caminho, o número total de contribuições aumentou de 191 para 395 entre os dois congressos em discussão.(SALES, 2008).

A maior liberdade nas discussões dentro do partido, levaram a críticas nunca antes pensadas. Pois o 7ª Congresso de 1982, Stalin figurava como o grande líder a ser seguido, a partir de 1992, nem Stalin, nem a Albânia eram exemplos a serem seguidos, também a “revolução por etapas” foi abandonada. A revolução agora seria socialista e com um toque democrático, ou seja, haveria muito mais debates e a superação da idéia da democracia burguesa.<sup>9</sup> Pois de acordo com Sales “No final de 1990, a crise do Leste Europeu, que tinha como um de seus elementos a reivindicação dos povos dos diversos países comunistas pelas liberdades democráticas, juntamente com a difusão da tese do "fim da história", levou o PCdoB a tratar do tema mais detidamente”.(SALES, 2008).

No entanto, a retórica revolucionária não abandonou o partido, apesar da crise do socialismo e o descrédito aos partidos comunistas de tendências marxistas-leninistas que é o caso do PC do B.

Na edição 39 de 1995 da revista Princípios com o título de capa “Um Programa para o País”, a comissão editorial criticava os que apregoavam de que o PC do B abandonou a luta revolucionária no editorial “O Socialismo Vive!”:

---

<sup>9</sup> Segundo Jean Rodrigues Sales, na década de 1980 houve um debate dos comunistas no Brasil sobre a “democracia burguesa”. A conclusão desses debates é que a democracia ao longo da história teve avanços sociais importante, portanto, essa democracia pode ser considerada e defendida pelos comunistas. O PC do B, de acordo com Sales, evitou o máximo esse debate, porém, os acontecimentos do início dos anos de 1990 trouxeram à tona problemas a serem explicados. Aldo Arantes citado por Sales, afirmou nos debates preparativos do XIII Congresso do PCdoB que, mesmo considerando as diferenças entre a democracia socialista e a burguesa, era preciso aproveitar os avanços desta último dentro do socialismo.(SALES, *op. cit.*)

A cobertura jornalística aligeirada e superficial de grande parte da imprensa transmitiu para o grande público a idéia de que o PC do B teria finalmente se curvado ao abandono de uma perspectiva revolucionária. A leitura dos documentos publicados neste número mostrará quão distorcida pode ser tal imagem. (PRINCÍPIOS, 1995, p. 3).

Nesse sentido, o editorial também chama atenção para o fato de que enquanto muitos festejam o fim do socialismo e do marxismo, é atitude de grande ousadia reafirmar o socialismo para os que não aceitam o capitalismo. Ou seja, principalmente para os comunistas, a luta revolucionária rumo ao socialismo continuaria firme.

O engajamento socialista e revolucionário é reafirmado no Programa Socialista de janeiro de 1995:

TODO O procedimento político e organizativo, relacionado como caminho para o socialismo, objetiva acumular forças, ganhar prestígio e influência no seio do povo. A conquista do socialismo é obra das amplas massas, dos trabalhadores em geral, sob a liderança do Partido Comunista. Exige, na atualidade, a criação de uma sólida frente nacional, democrática popular, reunindo partidos, personalidades políticas democráticas, organizações de massas, defensores da soberania nacional, agrupamento decidido a derrotar as classes reacionárias e a realizar as transformações de que o Brasil necessita. (PRINCÍPIOS, *op. cit.* p. 80).

O que podemos observar que o PC do B, como todos os partidos de matriz socialista, que nos anos de 1990, com a crise no Leste Europeu, foram massacrados pela crítica anti-comunista. Apesar disso tudo, aqui no Brasil o partido buscou rever conceitos defendidos antes da derrocada do mundo socialista, principalmente a sua matriz mais forte que foi a União Soviética.

Nesse sentido, se o PC do B reviu conceitos, quer dizer que abandonou alguns discursos que na década de 1980 eram bastante “caros” ou intocáveis para o partido e que, para que isso acontecesse foi preciso mudar sua retórica.

Portanto, a conclusão é que o Partido Comunista do Brasil não abandonou seus princípios revolucionários e nem a herança do marxismo-leninismo. O que se percebe ao analisar o discurso de seus integrantes analisados por outros estudiosos ou por um de seus principais órgãos de comunicação que é a revista Princípios, que a mudança de retórica já vinha se transformando desde o final da década de 1970. Mas

a guinada desta mudança se deu com uma maior abertura à democracia. Na prática, significou mais liberdade dentro do partido dada aos seus militantes de questionarem sobre os erros e acertos do partido, que antes do VIII Congresso eram creditados a cúpula do PC do B.

Ou seja, o PC do B não abandonou seus princípios revolucionários, mas mudou sua retórica radical dando maior ênfase às mudanças e ao combate do capitalismo pela via eleitoral e democrática.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse trabalho, podemos constatar que ao analisar um partido político, não estamos pensando simplesmente a legenda ou como está presente no senso comum das pessoas, que os partidos políticos estão a serviço de um grupo limitado de pessoas ou os mais pessimistas e desinformados, acreditam que partidos políticos em geral são um antro de parasitas ou pior, de ladrões. Entretanto, os partidos são movimentos sociais fundamentais para o processo “democrático”. É claro que em todos os movimentos sociais, há alguns exageros, até porque o processo democrático exige o confronto de idéias causando atritos entre grupos e ideologias diferentes. Ao contrário do que se acredita, quanto mais fortes os partidos, mais fortes serão as instituições democráticas.

Nesta, pequena análise que fizemos sobre o PC do B, constatamos que por trás de um partido, há uma teia de interesses econômicos, sociais e principalmente ideológicos. Nesse sentido, ao estudar essas instituições é conhecer a história e a sociedade de um país, ou seja, é saber um pouco mais dos interesses políticos que permeia a sociedade como um todo.

Para analisarmos o PC do B, buscamos saber como se deu sua origem nos anos de 1960, a luta armada na selva, a crítica e mudança de alguns paradigmas principalmente na década de 1980. Para isso, recorremos a estudiosos que elaboraram trabalhos sobre o partido e também de militantes ou partidários, mas que têm uma visão mais intelectualizada e desapegada das paixões que geralmente estão presentes nas análises de qualquer militante, independente de sua ideologia. Isso nos permitiu ver que o PC do B já nos anos de 1970, iniciou uma pequena flexibilização de seus princípios e ao longo do tempo esse processo foi intensificando-se. Em meados de 1980, com sua legalização, o partido entrou no processo eleitoral via democrática, não se importando se era burguesa ou não.

No entanto, o PC do B ao flexibilizar-se ou abrir-se, não abandonou seus princípios ideológicos principais, num mundo que muitos apregoam o fim das ideologias!?

**FONTES**

PRINCÍPIOS, Revista Teórica, Política e de Informação. São Paulo, Ed. Anita Garibaldi, n. 11. 1985.

\_\_\_\_\_, Revista Teórica, Política e de Informação. São Paulo, Ed. Anita Garibaldi, n. 31. 1993/94.

## REFERÊNCIAS

- CODATO, Adriano. Uma história política da transição brasileira: da ditadura militar à democracia. Curitiba, Revista de Sociologia Política, n. 25, 2005.
- BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. Brasília, Universidade de Brasília, 2007.
- CARONE, Edgar. Da esquerda à direita. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1991.
- ELEY, Geoff. Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000. São Paulo, Perseu Abramo, 2005.
- FERNANDES, Luiz. Evolução da Estratégia Comunista no Brasil. Princípios, São Paulo, Anita Garibaldi, n. 24, p. 45-51. 1992.
- FERNANDES, Luiz. O Leste europeu entre ventos e tempestades. Princípios, São Paulo: Anita Garibaldi, n. 18. p. 8-14. 1990
- FELIPE, Geovane. O Mergulho e a Emergência da Guerrilha do Araguaia. Revista Princípios. São Paulo: Anita Garibaldi, 42, 1996.
- GROPPO, Bruno. O Comunismo na História do Século XX. São Paulo: Ver. Lua Nova, n 75, 2008.
- LÊNIN, Vladimir Illich. Esquerdismo, doença infantil do comunismo. São Paulo: Anita Garibaldi, 2004.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Anita Garibaldi, 2001.
- PACHECO, Eliezer. A Formação da Esquerda no Brasil. Ijuí: Editora Unijuí, 2008.
- REBELO, Aldo. A Nova Estratégia pelo Socialismo. Princípios, São Paulo, Anita Garibaldi, n. 25, p. 9-13. 1992.
- REIS FILHO, Daniel Aarão Reis; SÁ, Jair Ferreira de. (orgs.) Imagens da Revolução: Documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961-1971. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- SADER, Emir. (Org). O Mundo Depois da Queda. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1995.
- SALES, Jean Rodrigues. A luta armada contra a ditadura militar: A esquerda brasileira e a influência da revolução cubana. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.
- SALES, Jean Rodrigues. Entre o fechamento e a Abertura: a trajetória do PC do B da Guerrilha do Araguaia à Nova República (1974-1985). História, 2007, vol. 26, nº 2 p. 340-365.

SALES, Jean Rodrigues. O Partido Comunista do Brasil e a crise do socialismo real. Rev. Brasileira de História, São Paulo, v. 28, n. 56. 2008

SALES, Jean Rodrigues. O PCdoB e o Movimento Comunista Internacional nos Anos 60. História: Questões e Debates, Curitiba, Ed. UFPR, n.35, p.275-303. 2001.

SIQUEIRA, Juliano. Postura de Resistência, Rumo Revolucionário. Princípios, São Paulo, Anita Garibaldi, n. 24, p. 52-54. 1992.